

Trânsito

**O caos
continua**

Pg. 5

**Romance
Policial**

**o caso
brasileiro
vira tese**

Pg. 6

**porã
duba**

PUC-SP — 16/6/87 — nº 126



*Deu
estadualização*

A briga agora é pela implantação

*Christiane Fernanda Pacheco
é uma das garotas
fantásticas da PUC.
Pág. 8.*

Carta dos Editores

Encerrado o plebiscito, a Comunidade se prepara para discutir a estratégia de implantação da Estadualização, que será definida na Assembléia Geral Universitária do dia 17 e deliberada pelo Conselho Universitário. Os defensores da proposta vencedora entendem que sua viabilização é possível, já que existe uma demanda real pelo ensino do terceiro grau no Estado e o interesse da Unesp em ter um campus em São Paulo.

A cobertura do processo de votação e a discussão da viabilização de cada uma das propostas (a entrevista foi feita antes do término da apuração) está nas páginas 3 e 4. Nesta edição, falamos também sobre o eterno problema do trânsito na região e

fomos em busca de soluções. Parece, entretanto, que não existe uma saída, a não ser pelo portão do Unipark ou a Zona Azul. Leia na página 5.

Na página 6, mergulhamos na tese da professora Sandra Lúcia de Assis Reimão: "Cicatriz de viagem: (A literatura policial brasileira: presença do cômico)" e conhecemos alguns de nossos xerloques brasileiros. E mais: entrevistamos um deles, não de ficção mas em carne e osso. É o Silva, envolvido em escutas telefônicas e na solução de embates conjugais.

E como nem tudo é crise na PUC, abrimos espaço na página 8 para as nossas garotas fantásticas. Não perca.

Conselho Editorial:

Professores-jornalistas: Gabriel Priolli (reg. MTb 361 — Mat. Sind. 4969). Laurindo Lalo Leal Filho (reg. MTb 12.110 — Mat. Sind. 3.000). Valdir Mengardo (reg. MTb 12.347 — Mat. Sind. 6.707)

Redação

Editora: Elizabeth Lorenzotti (MTb 10.716 — Mat. Sind. 4.183)

Editores Assistentes: Gerson Sintoni, Rubem Roschel e Samuel dos Santos Chaves.

Repórteres: Angélica Ricco Gomes, Angelo Pavini Júnior e Yara Bartijoto.

Fotografia: Samuel dos Santos Chaves

Ilustração: Sérgio Sambi Collotto e Marco Antonio F. Carillo.

Diagramação: Humberto S. de Alencar

Publicidade: Roberto Coelho Barreiro (MTb 3038)

Produção: Eliane Maria Barbosa

Porã'duba circula quinzenalmente com distribuição gratuita e é editado sob a responsabilidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — Rua Monte Alegre, 984 — São Paulo — CEP 05014 — Tel. (011) 263.0211 ramal 227. Porã'duba em tupi: notícia.

Poucas

Boas

Campanha na APROPUC

E os professores também estão em fase de eleição. Durante os dias 25, 26 e 27 de agosto, todos os filiados da Apropuc deverão escolher sua nova diretoria para o biênio 87-89. Segundo o cronograma fornecido pela entidade, as chapas de

verão se inscrever somente no dia 31 de julho, na sala T 54 do Prédio Velho, das 9 às 12 e das 14 às 18 horas. A apuração dos votos será feita durante a Assembléia Geral Ordinária, marcada para o dia 27 de agosto, às 19h30. Além da discussão de outros assuntos, a atual diretoria prestará contas de sua gestão e a nova tomará posse. A interessados, serão realizados debates, nos dias 12

e 20 de agosto, com as chapas inscritas.

Modernização administrativa

Em seu documento "Perspectivas II" a Reitoria diz que está em andamento, desde que assumiu a direção da Universidade, um verdadeiro processo de "modernização administrativa". Porém, parece que esse

trabalho ainda não chegou à Secretaria Setorial de Humanas e, muito menos, à Tesouraria. Um infeliz repórter desta redação resolveu requisitar seu Histórico Escolar. Para realizar essa operação — preenchimento de um formulário e o seu pagamento — levou exatos 45 minutos. Detalhe: o Histórico Escolar, uma simples cópia xerox da Ficha Acadêmica, leva 15 dias para ficar pronto.

Eleições no DCE

Quem estava esperando eleger uma nova diretoria para o quase esquecido DCE, se decepcionou. A eleição, que estava marcada para o dia 1º de junho, não aconteceu. As pessoas acabaram se envolvendo

mais com a greve e agora com o processo de discussão da Universidade. Só uma nova reunião do Conselho dos Centros Acadêmicos (CCA), poderá decidir outra data. Não há, porém, previsão de quando isso vai acontecer.

Festa junina

A Creche Comunitária da PUC convida todos para sua Festa Junina, que será no dia 20, sábado, a partir das 15 horas. Os convites estão à venda no próprio local e custam Cz\$ 50 (o convite dá direito a dois adultos. Criança não paga). Segundo a coordenadora Gicelle Alakije, o atendimento no mês de julho será normal. A Creche fica na rua Monte Alegre, 961.

Cartas

Extra Blablblatt

No número anterior do Porã'duba foi publicado um artigo intitulado "Neonazismo", que defendia, entre outras "pérolas do nazismo", a legalidade do Partido Nacional-Socialista e a liberdade para Rudolf Hess. Antes de mais nada, queremos mostrar brevemente ao leitor, quem é Rudolf Hess.

Rudolf Hess, um dos fundadores do 3º Reich, secretário particular de Hitler, ajudou-o a escrever "Mein Kampf", na prisão de Landsberg. Após Hitler chegar ao poder foi o seu lugar-tenente e seria o seu pro-

vável sucessor. Para não ser julgado, fingiu uma "amnésia progressiva", que mais tarde ele próprio assumiu ser mentira. Foi condenado à prisão perpétua por terríveis crimes de guerra e contra a humanidade.

O autor do artigo (desconhecido, pois não teve coragem de identificar-se) lembra os tempos da 2ª Guerra Mundial como os "bons tempos do Führer". Bons para quem?

Para nós, alunos da PUC, esta sempre foi uma Universidade democrática que sempre repudiou atos de totalitarismo

(vide coronel Erasmo Dias há alguns anos atrás), e não é preciso lembrar o que foi para o mundo a época nazista.

É preciso que todo nacional-socialista também saiba que não atrás da porta (porque os judeus não se escondem traiçoeiramente) e sim bem além dela há um judeu atento a qualquer tipo de discriminação, seja ela política, social, cultural ou religiosa.

Temos que estar conscientes de que a representação da nossa Universidade, o DCE, não pode jamais cair em mãos de pessoas com tais idéias.

União Brasileira de Estudantes Judeus e outras pessoas da PUC que se manifestaram contra o artigo e tais idéias.

Nota da Redação: Queremos deixar claro que a redação do Porã não tem qualquer afinidade ideológica e nem apóia neonazistas, aqui na PUC ou em qualquer outro lugar. Em momento algum, na nota publicada, manifestamos nosso agrado em relação ao referido

boletim — este sim, de origem desconhecida. Nossa intenção — basta observar a seção em que saiu a nota e seu tom irônico — foi alertar a Comunidade sobre a reparição dessa ideologia obscura e de triste memória e o ridículo de seus argumentos.

Pensamos, logo existimos

Esta é uma carta-resposta em solidariedade aos colegas Marcelo, Ana e Paulo dos cursos de História e Ciências Sociais, respectivamente.

Não se concebe a atitude tomada por alguns de nossos colegas de curso, os do Centro Acadêmico 22 de Agosto, no caso. Essa atitude revela, além de questões outras mais mesquinhas, ou melhor, obscuras, o tão falado esvaziamento político e, principalmente, crítico em que se encontra hoje a Faculdade de Direito da PUC-SP, em maior grau que noutras faculdades que também compõem a Universidade.

Há uma vontade imanente em alguns de nossos colegas de curso em separar a Faculdade de Direito do restante da Universidade, e isto não é um fator ignoto. Tal atitude desvela dois traços prenhamente importantes: a solidão do Parnaso ao se posicionarem distantes do delicioso exercício da democracia, ou, como chamam, "barulho"; e a absurda competição (reveladamente psicológica) com a Faculdade de Direito da USP, a São Francisco, que, por sua tradição e ventura ao longo de sua existência, manteve-se distantes do campus da Cidade Universitária.

O epíteto "vagabundos" atirado como pecha aos alunos-colegas citados revela, claramente, a aversão supra-mencionada. Evola-se uma pergunta: serão estes os vagabundos, ou serão aqueles que engraxam com as leis as rodas individualistas e mantêm a mesquinhez e a gana no mundo?

LUIZ/FLÁVIO/TEO
3º N — DIREITO

Comunidade escolhe Estadualização

Sem incidentes, as eleições foram uma verdadeira festa democrática

Foi tranquila a apuração do plebiscito que indicou a vitória da proposta de Estadualização, com 63% dos votos da Comunidade (média ponderada da relação entre o número de votantes de cada segmento). A proposta de Fundação Mista ficou com 32% da votação. A Estadualização venceu em todos os segmentos de todos os campi exceto na Marquês de Paranaguá, onde a Fundação Mista foi a preferida dos funcionários, e na Derdic, onde professores e funcionários optaram pela Fundação Mista.

Votaram 10.644 pessoas sendo 760 professores, 605 funcionários e 9.279 alunos. Desse total, em números absolutos, a proposta de Estadualização obteve 8.222 votos, enquanto a Fundação Mista ficou com 2.256. Houve 58 votos brancos e 108 nulos. Dos professores, 445 votaram na Estadualização, 288 na Fundação Mista, 15 em branco e 12 anularam seus votos. Entre os funcionários 297 optaram pela Estadualização, 243 pela Fundação Mista, 24 votaram em branco e 41 anularam. A Estadualização obteve 7.480 votos dos alunos, a Fundação Mista ficou com 1.725, houve 19 votos em branco e 55 nulos.

O plebiscito dos dias 9, 10 e 11, que indicou a proposta vencedora foi marcado pelo clima da mais absoluta tranquilidade. Em nenhum dos quatro campi — Monte Alegre, Marquês de Paranaguá, Derdic e Sorocaba — foi registrado qualquer incidente. Os segmentos atingiram o quorum mínimo exigido para que a votação valesse (50% do total de votos mais um de cada segmento).

Em clima eleitoral

No campus Monte Alegre, o de maior peso eleitoral, o número de votantes nos dois primeiros dias de pleito foi pequeno. Havia muitos indecisos que deixaram sua escolha para o dia 11. Mas desde o início da semana o campus viveu



Samuel S. Chaves



Angelo Pavini Jr.

Nos três dias de votação não houve qualquer problema, e o quorum foi atingido. À direita, o reitor Wanderley dá uma força à proposta de Fundação Mista.

um clima de 15 de novembro. Não faltou incentivo aos paranaenses votarem.

A edição especial do *Porã* com as duas propostas — Publicização/Fundação Mista e Estadualização — foi amplamente divulgada. A rádio Sibéria foi ao ar durante toda semana esclarecendo a importância e convocando todos a comparecerem às urnas. Porém, a propaganda das propostas ficou apenas por conta do grupo da Estadualização.

A entrada do Prédio Novo foi o principal ponto de merchandising político. Ali foi estendida uma faixa do grupo e nas paredes havia uma série de cartazes exibindo o nome das pessoas da comunidade que davam apoio à proposta. Até uma boca de urna foi realizada no último dia da votação. Na entrada da Biblioteca Central, onde estavam as urnas, ficaram alguns defensores da proposta da Estadualização distribuindo um documento e tentando convencer os eleitores.

Segundo alguns comentários, a Reitoria decidiu não fazer tanta publicidade da sua proposta porque pensava que o quorum mínimo não fosse atingido. Para o Vice-Reitor Comunitário, Antonio Chizzotti, não era necessária uma divulgação maior, já que a posição da Reitoria era há muito conhecida de todos. “Depois a Publicização/Fundação Mista

já saiu em duas edições do *Porã*”, acrescenta.

Porém, a preocupação quanto ao quorum estendeu-se até o final da votação. A três horas do encerramento do pleito, 18:30, o número de funcionários e estudantes que já haviam votado demonstrava que esses segmentos atingiram, facilmente, o quorum mínimo exigido. Porém, até essa hora, segundo o cálculo de algumas pessoas, o voto de professores era insuficiente. Faltavam cerca de 90 votos para os docentes atingirem quorum.

A partir daí a rádio Sibéria não desligou mais seus alto-falantes. A todo o volume várias pessoas revezaram-se ao microfone tentando convencer os docentes a exercer o direito do voto. Alguns, mais exaltados, chegavam a dizer que seria feito um placar com o nome de cada professor que não tivesse comparecido às urnas.

A alguns minutos do encerramento do pleito, quando já se sabia que o quorum havia sido atingido, o clima descontraíu-se. Os presentes fizeram a contagem regressiva e a eleição acabou em aplausos e assobios. Naquele momento, a impressão que se tinha é que só havia defensores da proposta da Estadualização.

Um dos mais empolgados, Luis Roberto de Paula, aluno de Ciências Sociais, dizia que a

proposta da Estadualização ganhava de lavada. “Se tiver 10 mil votos, pelos menos 6 mil são nossos”, exaltava. Erson de Oliveira, diretor da Apropuc, era mais cauteloso. “Nos estudantes, eu acho que ganha a Estadualização. Nos

professores, a votação tende a ser dividida”.

Segundo estimativas, o comparecimento de alunos de Direito e Administração e de funcionários da Coordenadoria de Recursos Humanos e Contadoria, foi baixo.

“NOVA MULHER” INSTITUTO DE BELEZA



NOVO PACOTE ECONÔMICO EM PROMOÇÃO 3 EQUIPES

Divida o serviço com suas amigas

Por Apenas (preços p/JUNHO)	
Shampoo	Equipe Azul 215,00
Escova	Equipe Amarela 270,00
Corte	Equipe Verde 350,00
Banho Especial	(Preços p/JULHO)
Manicure	Equipe Azul 260,00
	Equipe Amarela 325,00
	Equipe Verde 420,00

RUA CARDOSO DE ALMEIDA, 715
PERDIZES — FONE 65-4630

Estacionamento gratuito para nossas clientes, à Rua Cardoso de Almeida, 840 (ao lado do Banco Itaú)

Em jogo a viabilidade das propostas

Muita gente está preocupada com a possibilidade concreta de viabilização da proposta vencedora, antes do final das apurações. Porã ouviu as opiniões de defensores dos dois lados: o Vice-Reitor Comunitário Antonio Chizzotti, pela Fundação Mista e o presidente da Afapuc, José Rocha Cunha, favorável à Estatização.

Em 1981 a PUC passou por uma experiência semelhante que acabou causando muita frustração. Depois de uma ampla mobilização, a comunidade, através de uma Constituinte, formulou o novo Estatuto. Só que até hoje ele não foi aprovado. Apesar de processo democrático realizado na época, a Fundação São Paulo — mantenedora da PUC — discordou de vários pontos contidos no documento. E sem o consentimento da mantenedora o MEC não pode legalizar o processo.

O medo que existe hoje é bem parecido. A comunidade decide e a proposta não se viabiliza. Mas, afinal, o que existe de concreto em torno das duas saídas?

Para o vice-Reitor Comunitário Antônio Chizzotti, defensor da Publicização/Fundação Mista, qualquer resposta sem a decisão da Comunidade é mera especulação. "Só com uma definição é que poderemos reiniciar nossos contatos".

Chizzotti contou que a Reitoria fez contatos com o governo Montoro para a mudança do regime jurídico da Fundação. "Houve um indício favorável nesse sentido". Além dessas conversas, a Reitoria também consultou professores da casa. Eles opinaram que tal mudança não seria "impraticável". Até mesmo a Fundação São Paulo, segundo disse Chizzotti, chegou a pedir um projeto de viabilização para a PUC, que acabou dando na Publicização / Fundação Mista.

A Reitoria entende que o primeiro passo a ser dado após a aprovação de uma das propostas é sua apreciação e deliberação no Conselho Universitário (Consun). Esse ponto pode ser o mais delicado do processo, já que existe a possibilidade do Consun ir contra a decisão da Comunidade. Porém, Chizzotti acha essa hipótese pouco viável. "Na atual composição do Consun é pouco provável uma decisão em contrário", afirmou.

No entanto, ele alerta que, além do Consun, a decisão final deverá ser apreciada tanto pelo governo do Estado como pela Fundação São Paulo,

"afinal estas são as partes interessadas e com poder de decisão", concluiu.

Se pelos lados da Fundação Mista / Publicização as perspectivas não são muito animadoras, os caminhos da Estadualização parecem estar mais dasanviados.

José Rocha Cunha, presidente da Afapuc, afirma que a estratégia a ser seguida, caso a proposta que defende seja eleita, será definida na Assembléia Geral Universitária, marcada para o dia 17 de junho próximo. Rocha também não se assusta com a possibilidade de o Consun tomar uma decisão que fira a escolha da comunidade. "Não temos nada contra o Conselho discutir, se pronunciar, a respeito da decisão. Mas não vamos aceitar que ele vá contra a deliberação da Comunidade".

O presidente da Afapuc considera que a proposta da Estadualização é viável na atual conjuntura. "Há uma conjunção favorável de fatores". Para ele existe uma demanda real de ensino de terceiro grau na cidade que o Estado não dá conta, e o interesse real da Unesp em expandir suas fronteiras, tendo um campus em São Paulo.

Esse interesse da Unesp também já causou uma onda de boataria pela PUC. Alguns afirmavam que ela estaria apenas interessada em incorporar quadro de professores titulados e a pós-graduação da instituição.

Rocha, que fez parte de uma comissão do Ensino Público e Gratuito que foi conversar com o reitor Jorge Nagle, esclarece. "Realmente a Unesp tem interesse em abrir um campus em São Paulo. O Reitor Nagle disse que essa proposta, que passa pela incorporação da PUC, chegou a ser levada ao Conselho Universitário de lá e não houve qualquer reação contrária". Quanto à questão do interesse em professores titulados, segundo Rocha, Nagle deixou claro que a incorporação seria de toda a PUC. "A Unesp assumiria todos os professores e depois seria discutido um prazo para que todos os docentes se titularassem. Tanto os de lá quanto os daqui".

Se os contatos com a Unesp parecem bastante favoráveis, existe ainda um último problema. De acordo com Rocha, haverá resistência do governo Quéricia em relação a estadualização da PUC. "Mas com o sinal verde da Unesp a comunidade puquiiana ganhará um grande aliado nessa luta", finalizou.



Manifestação dos alunos contra o aumento das mensalidades, em frente à Reitoria.

Boicote

Reitoria e alunos não chegam ao acordo

Reitoria e alunos parecem não ter chegado a um consenso quanto a dificuldade dos últimos em pagar o carnê complementar. A última negociação, realizada no dia 9, foi tumultuada. De um lado os estudantes mostravam-se confusos para decidir a ordem dos itens a serem discutidos, e de outro, a Reitoria afirmava que os alunos não apresentaram uma pauta mínima a ser negociada.

Toda essa confusão tem uma explicação. Na última Assembléia Geral dos Estudantes decidiu-se que o boicote prosseguiria. Porém, a decisão não foi unânime. Boa parte do plenário achava que para abrir as negociações era necessário ceder em algum ponto. Além do mais, o prazo para garantir a matrícula dos estudantes carentes estava esgotando-se.

Diante disso, um grupo de alunos do Centro Acadêmico de Ciências Sociais (CACS), começou a discutir esses problemas em reuniões abertas. Dessas discussões foi elaborado um documento com uma série de itens. A intenção desse grupo de alunos era usar o do-

cumento como subsídio ao que seria debatido na Assembléia Geral Estudantil, marcada para o dia 9, que acabou não acontecendo por falta de quorum.

Dessa maneira, os estudantes foram para a negociação com a Reitoria sem concluir uma pauta comum. A Reitoria aproveitou essa indefinição. Várias vezes o Vice-Reitor Administrativo, Alípio Casali, perguntou o que os alunos queriam discutir: o documento que havia sido elaborado por alguns estudantes do CACS ou a forma e prazos para os alunos carentes realizarem suas matrículas.

Assim, a reunião acabou arrastando-se e nada de muito concreto ficou acertado. A Reitoria afirmou que aqueles alunos que já pagaram uma parcela do carnê complementar e entraram com requerimento terão a garantia da sua matrícula. Também foi estendido o prazo para a entrada do requerimento dos estudantes que, até o momento, não pagaram nenhuma parcela do carnê complementar. O prazo

agora vai até o dia 17 de junho.

Porém, os alunos mostraram-se preocupados com a apreciação desses novos requerimentos. Vários deles lembraram o que aconteceu no ano passado, quando a Reitoria indeferiu uma série de pedidos. Para resolver o impasse os alunos sugeriram que fosse formada uma comissão paritária para estudar esses requerimentos. A Reitoria não foi contra a idéia. Mas também não decidiu se a comissão paritária terá a palavra final sobre os processos.

"Tentaram mais uma vez minar o movimento dirigindo a negociação para a forma individual e não coletiva", sentenciou Pedro Nogueira, aluno de Ciências Sociais.

Nogueira disse também que o boicote continua. "Nós estamos fazendo um balanço do movimento, para ter dados mais concretos à mão". Segundo informações de alguns estudantes, o boicote em Sorocaba continua firme, chegando a atingir cerca de 70% dos carnês complementares.



Samuel S. Chaves

O trânsito complicado da Ministro de Godoy (esq.). À direita, "Alemão" comanda o tráfego.

Caminhos difíceis

O problema do trânsito se agrava na PUC mesmo com a Zona Azul

São 18h30. Falta meia hora para, oficialmente, começarem as aulas. Quem vem de carro, já sabe. Ou sai mais cedo de casa, do trabalho, ou vai chegar atrasado. Pelo menos dois quarteirões, principalmente os das ruas Monte Alegre e Ministro de Godói, ficam totalmente congestionados.

Na enorme fila colorida e barulhenta de carros que se forma, rostos nervosos mostram o desânimo de quem tem que enfrentar fila durante trinta minutos, ou mais, disputando um lugar nas vagas da Zona Azul, dos estacionamentos, ou simplesmente para chegar em casa. Uns, mais exaltados, não agüentam. Descem do carro, gesticulam, gritam e, às vezes, partem para a violência.

O diagnóstico é o pessimista de sempre. O trânsito não tem solução. Até o engenheiro de tráfego, Joogi Mori, responsável pela região, concorda. "Tudo o que podemos fazer é minimizá-lo". Na sua avaliação, a região da PUC é crítica. Além de possuir um grande fluxo de veículos, o estacionamento Unipark, com 190 vagas, é pequeno, o que complica o escoamento do tráfego.

Mori disse que a Zona Azul, uma das medidas pedidas pela Reitoria, ajudou a organizar melhor o estacionamento e monitorar o trânsito. Por sua vez, o Vice-Reitor Comunitário, Antônio Chizzotti, afirmou que a Reitoria não solicitou especificamente a Zona

Azul, mas um conjunto de medidas que solucionassem, ao mesmo tempo, os problemas de segurança dos pedestres, fluxo de trânsito, diminuição do barulho e estacionamento. "Sugerimos, entre outras coisas, a ampliação do número de ônibus para a Avenida Paulista, que já foi atendida, a mudança da feira livre e até a cessão do estacionamento do Colégio Batista, no período noturno. "Fazendo um balanço da situação, Chizzotti acha que o trânsito ainda é crítico e tende a se agravar mais.

Marmanjos

Para um professor da Faculdade de Administração, que preferiu não se identificar, não existe mais lugar para tanto carro em São Paulo. "Eu já cheguei a ficar meia hora dirigindo ao redor da PUC à procura de um lugar para estacionar e, no fim, tive que voltar para casa". Segundo ele, a Zona Azul ajudou a estabelecer as regras do jogo. "Por quatro horas, paga-se tantos cruzados, tentando assim acabar com esses marmanjos que andam por aí, cobrando quanto querem para olhar os carros".

Já a professora Maria Celeste Mira, do Departamento de Antropologia, prefere pagar a garotada, "que pede a grana para comprar material escolar", do que dar dinheiro a Jânio Quadros. "Acho meio absurdo pagar para estacionar

meu carro na rua, que é pública".

Entre os alunos, também há consenso. O trânsito é caótico com ou sem Zona Azul. Cíntia Tenguã, do primeiro ano do curso de Administração, conta que já chegou a ficar empacada no trânsito mais de trinta minutos. Agora, sai de casa com mais de uma hora de antecedência e estaciona seu carro bem longe da PUC. Assim, explica ela, é mais garantido achar um lugar.

A funcionária Elly Capalbo também lamenta o trânsito. "A minha sorte é que eu entro às 13 horas e saio às 21, quando as coisas já estão mais calmas".

Donos do pedaço

Os moradores da região, talvez os mais sacrificados com a história, já tentaram de tudo. "Fomos até o DSV, fizemos um abaixo-assinado, mas não adiantou nada. Fica difícil fazer alguma coisa em área de estudante. Eles são os donos do pedaço. Só nos resta ter paciência", queixa-se o zelador Luís Manuel de Araújo, do Edifício Rosa Mauro, na Rua Monte Alegre.

Já o subsíndico Pedro Augusto, do Edifício Dona Irma, na Rua Ministro de Godói, tem idéias diferentes. Ele acha que a fila para entrar no estacionamento é que prejudica o escoamento dos automóveis. "A solução seria o DSV fazer

uma faixa exclusiva para quem vai entrar na PUC e outra para o escoamento do trânsito. Nesse caso, porém, a Zona Azul perderia algumas vagas", explica.

Para se adaptar ao trânsito, seu Pedro, que já pensa em se mudar para outro edifício, sai meia hora antes de seu escritório fechar e só deixa sua casa após às 21 horas. "De certa forma, o trânsito acaba mudando nossos hábitos", conclui.

Lucro Fácil

Algumas pessoas, como sempre acontece, acabam ganhando com esta confusão. O Néelson Alemão, pintor de paredes durante o dia e guardador de carros da rua Monte Alegre, por exemplo, fatura por volta de Cz\$ 300, por noite. Segundo ele, seu trabalho ajuda a melhorar o trânsito, arranjando vagas para o pessoal. Ele também nega sua participação nas conhecidas represálias para aqueles que se recusam a dar a famosa caixinha: pneus murchos, carros riscados, ou até furtos de tocafitas. "Eu não estipulo quantias. Paga quem quer e quanto quer".

Os quatro estacionamentos, existentes ao redor da PUC, faturam em média até Cz\$ 5.550, diariamente. Já o da Unipark, conveniado com a PUC e um dos mais procurados da região, fatura mais. Pe-

lo menos Cz\$ 15 mil, por dia.

O caráter lucrativo da Zona Azul, todo mundo conhece. Afinal, "se não fosse lucrativo, os cartões não seriam renováveis. Há lógica em um aluno estudar apenas duas horas?", pergunta Pedro Augusto.

Além disso, segundo dados fornecidos pelas moças da Zona Azul, acontecem cerca de sessenta autuações por período. Na primeira vez, o infrator paga cz\$ 120 e daí por diante a multa sobe para Cz\$ 240. Na opinião de uma das moças, "o trânsito aqui é o que se pode imaginar de pior. A bagunça é tão grande que chega ao ponto da gente não controlar".

Segundo explicou a gerente da Zona Azul em São Paulo, Nádia Osowiec, não há previsão para a adoção de outras medidas que ajudem na melhoria do tráfego. O engenheiro Joogi Mori, porém, adianta: "Estamos fazendo uma pesquisa em quinze cruzamentos perto da PUC para saber a capacidade viária e o volume exato de passagem de cada rua, se suportam ou não acréscimo de veículos".

Para aqueles que acham que a Zona Azul ainda está em caráter experimental, a declaração de Nádia Osowiec é clara: "a medida trouxe o reordenamento dos estacionamentos de rua, a reorganização do fluxo, e beneficiou a todos. Portanto, ela vai continuar".

A imagem que geralmente associamos à idéia de detetive é a de Sherlock Holmes, com sua capa, o boné, a lupa, o cachimbo e um certo ar de infalibilidade, que Conan Doyle immortalizou em seus romances. Ou ainda outro personagem não menos famoso, o detetive belga de Agatha Christie, Hercule Poirot. Agora, imagine um tipo caipira, manco, desdentado, falando errado, delegado de uma cidadezinha do interior do Rio de Janeiro, tentando elucidar um crime com a ajuda da ex-mulher morta, que lhe aparece em sonhos. Você está diante de Tonico Arzão, detetive brasileiro. Protagonista do romance de Maria Alice Barroso "Quem Matou Pacífico", Tonico pertence a um gênero literário pouco conhecido, que embora não conte com uma produção muito vasta, inclui alguns textos de excelente qualidade.

Este o tema desenvolvido pela professora Sandra Lúcia de Assis Reimão em sua tese de doutorado em Comunicação e Semiótica, defendida no dia 27 de março: "Cicatriz de Viagem (A literatura policial brasileira: presença do cômico)". A partir de dois trabalhos anteriores — "Dupin, Holmes & Cia.", dissertação de mestrado apresentada em 1983 e o livro "O que é romance policial" (Coleção Primeiros Passos — Ed. Brasiliense), publicado no mesmo ano — e iniciando um outro sobre literatura cômica, Sandra passa a levantar questões sobre a presença do cômico na narrativa policial, em particular do romance brasileiro.

No romance policial clássico a tipificação dos personagens obedece a um modelo que os apresenta como "máquinas pensantes", privilegiando seu raciocínio lógico-dedutivo, aliado a hábitos elegantes e sofisticados métodos de investigação. Quando faz a transposição desse arquétipo para a realidade brasileira, o autor introduz o cômico, parodiando o gênero e apresentando nos personagens o que comumente se define como traços de "brasilidade". Em Tonico Arzão, o misticismo, a crença no mundo do além são os elementos que o caracterizam como brasileiro.

A função do cômico

O primeiro romance policial brasileiro surgiu em 1920. Era "O Mistério", uma publicação em capítulos no jornal "A Folha", escrito por vários autores: Coelho Neto, Afrânio Peixoto, Medeiros e Albuquerque e Viriato Corrêa. Através do cômico, é traçada

Um Sherlock à brasileira



toda uma crítica à atuação da polícia e ao sistema judiciário e o investigador se transforma numa caricatura grotesca, um Sherlock à brasileira. O detetive Mello Bandeira, embora disponha de recursos, acaba sempre se dando mal. Quando põe os cães rastreadores para procurar o criminoso, eles acabam se voltando contra ele, pois esquecera nos bolsos as luvas e os sapatos do assassino. E por fim, acaba se suicidando porque tem um envolvi-

mento amoroso com uma das suspeitas.

Aqui aparece outra característica que tipifica o policial brasileiro: a sensualidade que interfere na sua ação, marcando sua ineficácia. O assassino, Pedro Albergaria, por sua vez, confessa o crime, vai a julgamento, mas graças a um bem montado esquema de chantagem emocional do advogado, é absolvido pelo júri, que se deixa comover por uma perfeita encenação.

A narrativa descreve ainda o envolvimento dos policiais com a corrupção e seus métodos violentos para obter informações, ao mesmo tempo em que coloca de forma irônica e em contradição discursos de louvação da polícia e de seus membros. Como o comissário que diz: "Isto é a polícia, e a Casa da Lei, o Templo da Ordem, a Coluna da Moral..." Conforme explica Sandra, esta construção narrativa tem uma função: "se, pela retórica e pe-

Silva: a versão tupiniquim do herói

Em dezembro de 1983 explodiu na imprensa o escândalo das fraudes do Inamps e as investigações incluíram o grampeamento dos telefones do então vice-governador Orestes Quêrcia, do coronel Camanho Neto, Superintendente do Inamps na época e de um sobrinho do General Figueiredo. Mas ninguém poderia supor que, nos bastidores, participava de forma anônima e eficiente um bravo xerquite brasileiro, que jura ter sido graças a ele que Romeu Tuma desenrolou o novelo das fraudes. Nosso herói é Aparecido Feliciano da Silva.

Detetive particular há sete anos, antes ele foi mecânico e vendedor autônomo e nesta última atividade descobriu a vocação para a profissão que exerce hoje na Agência Star de Investigações Particulares. Era obrigado a ir constantemente no enca-

ço de vigaristas que assinavam promissórias e desapareciam. "Nunca deixei escapar nenhum, mas senti que estava desperdiçando meu talento. Além disso, achei que poderia melhorar de vida fazendo uma brilhante carreira como detetive", afirma. Foi quando resolveu entrar para um curso de investigador particular.

O curso era fraquinho, mas Silva aproveitou seus dotes para a profissão e foi em frente. Para ele "o que importa mesmo é ter vocação, uma equipe competente e bons equipamentos: um carro em ordem, máquina fotográfica com teleobjetiva, aparelhos de gravação e escuta".

A maior parte dos casos que surgem são questões conjugais, mas o trabalho também envolve localização de pessoas, contraespionagem industrial e escuta telefônica. Aliás, esta última espe-

cialidade, se já rendeu a Silva alguma popularidade, também trouxe infortúnio: uma detenção por 49 dias, que ele amarga até hoje na forma de prisão albergue. Tudo por causa de um marido preocupado em vigiar a esposa e da denúncia de um funcionário da Telesp.

Mas nada tira Silva da luta contra o crime. Nem mesmo a crise econômica que também atinge o mercado da investigação, o que o obrigou a trabalhar com cancelamento de protestos para completar sua renda. Desta forma, não sobra muito tempo livre mas, para relaxar, Silva costuma ler as aventuras do detetive Ed Mort, de Luis Fernando Veríssimo. Além das histórias de Sherlock Holmes, é claro. Mas ele lamenta: "pena que na vida real é tudo tão diferente dos romances".

lo uso de maiúsculas alegorizantes, esta afirmação é irônica, colocá-la em contradição, na narrativa com as ações da polícia, acentua esta ironia, tornando patente o caráter falsificador e mascarador da afirmação."

Uma forma de denúncia

Outro tipo de romance policial, o "Série Noire", cujo criador foi o americano Dashiell Hammett, autor de "O Falcão Maltês", encontra seu correspondente na literatura ficcional brasileira. No auge da repressão, muitos desses romances retratam, através de uma linguagem irônica, cenas de um cotidiano onde as dimensões de fantástico e real quase se misturam. Perseguição política, tortura, pessoas desaparecidas, assaltos simulados, execuções e intrigas palacianas são os ingredientes do gênero.

Entre outros textos considerados bons, Sandra destaca "A Região Submersa", de Tabajara Ruas (Ed. L & PM), "Malditos Paulistas", de Marcos Rey, "Veias e Vinhos", de Miguel Jorge (ambos da Ed. Ática) e "A Grande Arte", de Rubem Fonseca (Ed. Francisco Alves).

Em "A Região Submersa" o protagonista Cid Espigão é um detetive particular inexpressivo que, procurado pela mãe de um estudante desaparecido, se envolve numa trama complicadíssima, é preso e torturado sem saber por que e termina numa organização política clandestina.

Em "Malditos Paulistas", temos Raul, o protótipo do malandro carioca, "duro", sem instrução e sem profissão, mas que tem o dom de "se virar", graças à malícia e ao jogo de cintura.

Fugindo um pouco à comichidade, os textos de Miguel Jorge e Rubem Fonseca se inserem numa outra faixa de romances, onde a violência é predominante e que se aproximam mais de uma reportagem-denúncia. Em "Veias e Vinhos", Miguel Jorge aborda questões como o crime impune, a arbitrariedade da polícia e a ineficácia do sistema judiciário. "A Grande Arte", de Rubem Fonseca é uma história de corrupção e violência, do crime de colarinho branco, que se esconde por trás de impérios financeiros, do Brasil na rota da cocaína.

Na literatura policial brasileira, a introdução do cômico tem uma finalidade: exacerbando o caráter de estereótipo dos personagens, o autor destaca as diferenças entre o modelo clássico e a nossa realidade.

Jogo de Cintura

Rugby

A PUC está formando seu time de rugby. Inscrições com Luis, vulgo Camões, no Leão XIII, ou André, vulgo Demo, no Cacs. O time já conta com alguns atletas e um possível técnico. E mais ainda: já está fe-

derado. Assim que a equipe se completar fará seu primeiro jogo contra o Mackenzie. A partida já vem sendo encarada como a "vingança da Maria Antonia".

Encontro de titãs

Segunda-feira, dia 8, realizou-se um jogo que ficará nos anais do esporte puquiano. Em campo as equipes de formados e formandos do curso de jornalismo. A partida, cheia de jogadas de classe e disputada palmo a palmo, terminou com o

placar de 8 x 8. O que evidencia o "alto" nível técnico dos dois times. As equipes prometem um novo encontro para "tirar a nega". Quem gosta de um bom espetáculo futebolístico não pode perder.

DATILOGRAFIA ELETRÔNICA

teses · projetos · currículos · relatórios

MICROPROCESSAMENTO

etiquetas · mala-direta · banco de dados

REVISÃO DE TEXTOS

LUIZ FERNANDO DA SILVA

FONE · 881-3130



Academia
Corpus

PROMOÇÃO

A Academia CORPUS oferece aos alunos da PUC isenção de matrícula e descontos especiais. Nos meses de junho e julho. Rua Traipú 337 fone 67-9269 — 67-5626

ZVIGMA TRAJES A RIGOR

Loja especializada em aluguel de roupas para festas.

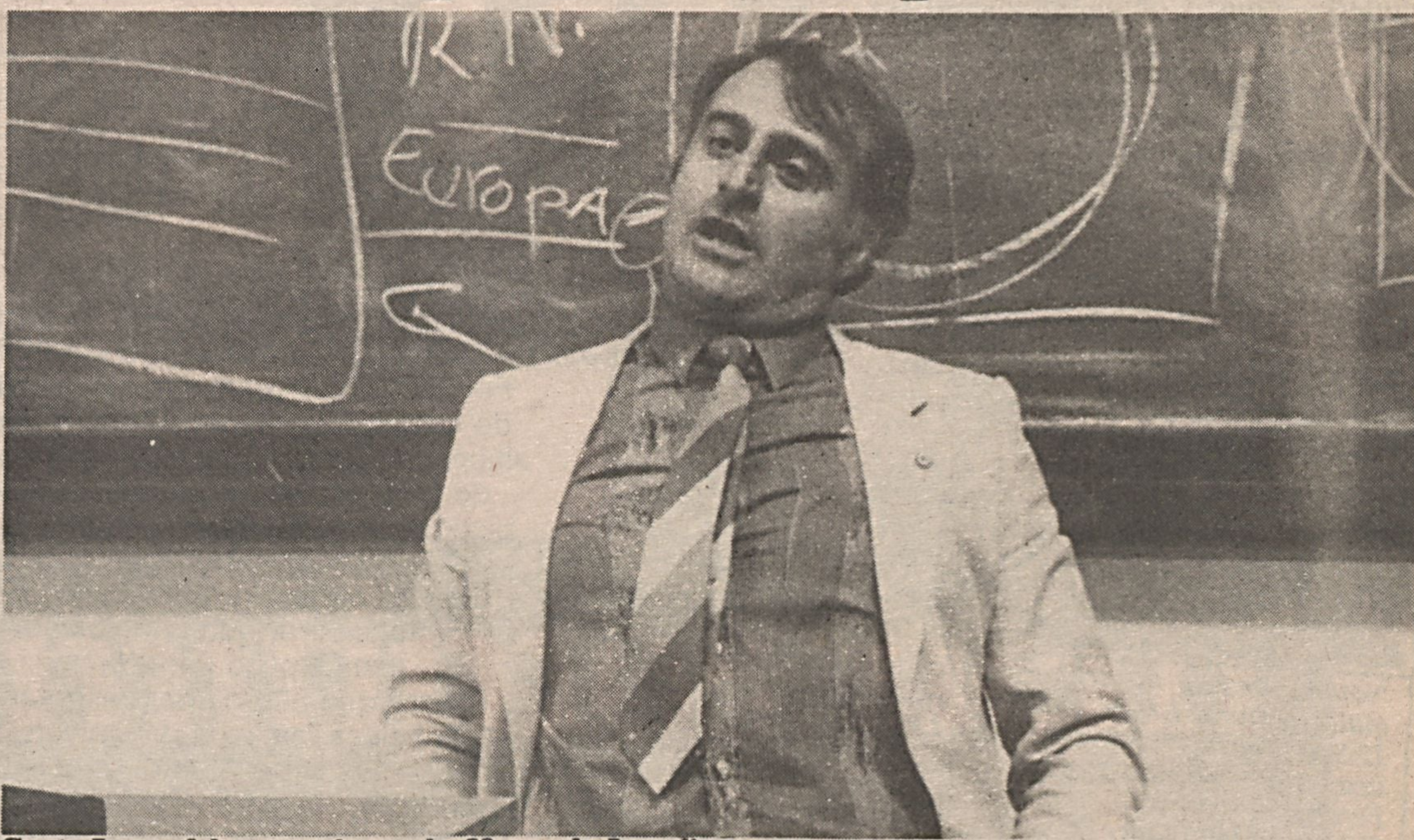
Contamos com uma variedade de trajes femininos, masculinos, noivas, arranjos e acessórios.

Conheça ZVIGMA-TRAJES A RIGOR e certifique-se da qualidade de seus trajes e preços convidativos.

Localizada em avenida de fácil acesso, com estacionamento.

Av. Itaberaba, 2614 — sala 2 — Tel.: 857-1644 (esquina com Av. João Paulo I — F. do Ó)

A coletiva do deputado-capitão



Samuel S. Chaves

Conte Lopes falou aos alunos do 2º ano de Jornalismo

Um homem alto, forte, de meia-idade, circulando à noite na PUC, no último dia 9, poderia até ser confundido com um professor. Não era. A figura em questão, Roberval Conte Lopes, eleito deputado estadual, se dirigia à sala de redação do curso de Jornalismo. Ali, durante mais de duas horas, o capitão foi submetido a uma verdadeira bateria de perguntas dos futuros jornalistas, curiosos em conhecer suas aventuras e as desventuras dos bandidos que passou no berro. Com ele é assim: basta lem-

brar o episódio da garotinha Tábata, quando fuzilou os dois sequestradores.

Muitos protestaram contra seus métodos violentos. Mas o capitão não se intimidou. Ele não acha que vão passá-lo para trás na Assembleia Legislativa, embora "não tenha experiência". Também não condena o programa de seu colega da bancada do PDS, Afanásio Jazadji. Disse ainda que a manchete — "Já matei mais de cem" — publicada em matéria de capa da "Veja em São Paulo" recentemente, não é verdadeira. Mas não explicou por

que. (Modéstia???) Vai ver que ele não consegue contabilizar seus inúmeros feitos...

ANÚNCIOS POPULARES

• **DATILOGRAFIA IBM** — Teses, Currículos, Trabalhos Escolares, Relatórios, Livros, Mala Direta, Monografias, Composição, Arte Final e Redação. Retiramos e entregamos no local. Rapidez e Perfeição. TEREZINHA, fone 949-4076.

• **DATILOGRAFIA** — Faça trabalhos escolares, teses, currículos, apostilas. Perfeição e Rapidez em IBM. Tratar fones 265-5833 sábados e domingos e 252-0954 após 17hs. c/ Telma.

• **DATILOGRAFIA IBM — ELETRÔNICA** — Teses, trabalhos escolares, relatórios e currículos, também transcrição do Espanhol. Rapidez e perfeição. Fone 940-4160 com Guadalupe.

BABY SITTER

— Enfermeira, simpática e paciente coloca-se à disposição para tomar conta de suas crianças à noite. Libia, tel.: 864-1012 (9 às 17hs) c/ Eliane.

MAGNUS

Alizamento com creme de abacate e óleo vegetal; fazemos também tratamento anti-queda com produtos NATURA.

Fornecemos produtos NATURA

Tel: 263-9050

Rua Cardoso de Almeida, 1524

Harmonia

CORPO · ENERGIA · MOVIMENTO

Espaço aberto para integração e equilíbrio psico-físico-energético.

CURSOS REGULARES: Tai Chi Chuan - Instrutores da Sociedade Brasileira de Tai Chi Chuan e Cultura Oriental. Yoga - adultos e gestantes • **Reeducação Postural Ginástica Integrativa e Dança** - Técnicas de antiginástica, respiração, relaxamento, Feldenkrais.

Informações e Reservas:

Rua Ministro Godói, 1302 - Fone: 262.6239

Promoção no mês de junho Traga este folheto

Vale uma Aula Grátis Não será cobrada a Matrícula

OFICINA DE ARTES PLÁSTICAS Canto de Criatividade

Não é escola, não é curso, é um espaço de expressão, espontaneidade, criação, experimentação, descobertas, onde as técnicas são aprendidas ao longo do mexer, sentir, construir, desenhar, pintar, modelar, onde a disciplina é consequência natural do envolvimento com a criação. Turmas reduzidas a partir de 12 anos até o limite do seu desejo de crescer.

Informações com ANNA — Fone 62-1613.

Anuncie no

PORÃ'DUBA

Tel 864-1012

porã
duba

As Fantásticas Garotas da PUC

Quem disse que a PUC só tem problemas? Tem menina bonita também. Por isso o Porã consultou a rapaziada do campus da Monte Alegre e alguns alunos indicaram as alunas mais bonitas do pedaço. Mesmo nesses tempos bicudos, é sempre bom lembrar que a beleza faz parte da vida, seja na Universidade ou em qualquer outro lugar. Por que não abrir um espaço para ela?

É claro que não dá para esgotar aqui toda a beleza feminina da Universidade, mas temos certeza de que reunimos algumas das mais belas. Conheça melhor nossas gatas e saiba sua opinião sobre as propostas para resolver a crise da PUC. Em breve, vamos escolher também os gatões. Aguardem.



Nome: Graziela Mastrobuono. Idade: 17 anos. Peso: 60 quilos. Altura: 1,69m. Olhos e cabelos castanhos. Curso: 1º Semestre de Psicologia. Signo: Leão. Esportes: Não pratica, gosta de dança (clássica ou jazz) e até dá aulas. Autor: Fernando Pessoa. Filme: "Retratos da Vida". Música: Tchaikovsky. Teatro: "Pessoa", com Ítalo Rossi e Walmor Chagas. PUC: Apóia a Estadualização, pois tem receio que pela Fundação Mista a PUC acabe se privatizando. Graziela está começando a trabalhar como modelo, mas seu grande sonho é ser uma psicóloga competente. O que acha de cantadas? "Se é uma palavra de carinho e se gosto do jeito da pessoa, tudo bem. Mas baixaria me deixa perdida."



Nome: Sandra Annenberg. Idade: 18 anos. Peso: 50 quilos. Altura: 1,60m. Olhos e cabelos castanhos. Curso: 1º Semestre de Línguas e Literatura Francesa. Signo: Gêmeos. Esporte: Não pratica. Gosta de dança moderna, expressão corporal, jazz e sapateado. Autor: Gabriel Garcia Marques. Livro: "Xogum". Filme: "One From The Heart". Música: jazz (BB King, Alberta Hunter, Jean Michel Jarre), MPB (Gil, Caetano, IRA), mas sua preferida é o tema do filme "Blade Runner", de Vangelis. Teatro: "O Mistério de Irma Harp". PUC: Não está muito a par das propostas, mas acha que nenhuma delas é completa. Votou pela Estadualização por ser a solução mais imediata para a crise. Sandra é atriz, trabalha no programa "Bronco Total" da TV Bandeirantes, além de fazer comerciais.



Nome: Regiani Bochichi. Idade: 21 anos. Peso: 58 quilos. Altura: 1,71m. Olhos verdes, cabelos loiros. Curso: 7º semestre de jornalismo. Signo: Aquário (Cavalo, no horóscopo chinês). Esporte: gosta de automobilismo. Autor: Fernando Gabeira. Livro: "Coioite", de Roberto Freire. Filme: "Erendira" e "Eu Sei Que Vou Te Amar". Ator: Mickey Rourke. Música: "Bridge Over Troubled Waters". PUC: Estadualização, porque acha que o ensino público e gratuito é um direito de todos, e também que essa votação funciona como um plebiscito, contra ou a favor da Reitoria. Nunca pensou em ser miss. Já foi modelo, mas desistiu da profissão: "não tenho pique para ser dondoça".



Nome: Ana Cristina Rocha Nogueira. Idade: 18 anos. Peso: 52 quilos. Altura: 1,63m. Olhos e cabelos castanhos. Curso: 3º semestre de Secretária Executiva Bilingue. Signo: Sagitário (Macaco, no horóscopo chinês). Esportes: faz ginástica aeróbica, gosta de dança. Autor: Marcelo Rubens Paiva. Livro: "Feliz Ano Velho". Filme: "Em Algum Lugar do Passado". Música: romântica. PUC: É a favor da Estatização, mas acha difícil a sua concretização. Ana Cristina gosta de ballet moderno e filmes sobre jazz e dança. É romântica, acha que os namorados devem se respeitar e a sinceridade precisa estar acima de tudo. Adora praias, principalmente as de Peruíbe.



Nome: Adriana Ferreira Pinto. Idade: 20 anos. Peso: 52 quilos. Altura: 1,60m. Olhos e cabelos castanhos. Curso: 1º semestre de Administração. Signo: Touro (Cavalo, no horóscopo chinês). Esportes: pratica ginástica aeróbica diariamente. Gosta de dançar. Autor: Sidney Sheldon (já leu todos os seus livros). Filme: "O Outro Lado da Meia-Noite". Ator: Paul Newman. Música: rock e jazz. Curte o grupo Renascença. PUC: é simpática à proposta de Estadualização, embora a ache um tanto utópica. Nem liga pra moçada que mexe com ela. Tem namorado.



Nome: Christiane Fernanda Pacheco (a garota da capa). Idade: 20 anos. Peso: 54 quilos. Altura: 1,60m. Olhos e cabelos pretos. Curso: 3º semestre de Jornalismo. Signo: Aquário (Cavalo, no horóscopo chinês). Esporte: praticou Karatê. Gosta de vôlei e futebol. Autor: Erik von Daniken. Livro: "Eram os Deuses Astronautas?". Filme: Platoon. Ator: Harrison Ford. Teatro: "A Rainha do Frango Assado". Música: erudita, Vivaldi. PUC: é a favor da Estatização. Fernanda fez cinco anos de jazz, e também ballet clássico. Vai muito a barzinhos e gosta de agitação. Não tem namorado. Considera-se romântica.